

DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS PARA FUMAR

Seminário da Folha conclui que estratégias de redução de danos devem considerar indivíduo e sociedade

Alardeados como alternativa menos danosa à saúde aos cigarros convencionais, os dispositivos eletrônicos para fumar (ou DEFs, cigarros eletrônicos e piteiras que aquecem, mas não queimam o tabaco) dividem opiniões.

A ideia de que os produtos seriam menos nocivos se baseia na ausência da combustão, que libera substâncias ligadas a doenças cardiovasculares e câncer. Sem fumaça, a exposição a esses elementos pode ser 95% menor.

Os resultados levantaram um debate sobre a possibilidade de os "novos cigarros" serem usados em políticas de redução de danos - conjunto de práticas cujo objetivo é diminuir o risco para quem não quer ou não pode parar de usar substância viciante.

Nos EUA, os dispositivos eletrônicos estão enquadrados, desde 2016, na mesma regulação de outros produtos de tabaco. A venda a menores de idade é proibida, e as embalagens devem ter alertas sobre possíveis danos à saúde. Propagandear os supostos benefícios em relação ao cigarro comum é proibido.

No Reino Unido, o governo afirmou em relatório que os dispositivos têm ajudado a reduzir o número de fumantes no país. "Evidências mostram que o cigarro eletrônico gera uma fração do dano do tradicional", diz Kevin Fenton, um dos diretores da PHE, agência britânica de saúde.

No Brasil, a importação e a venda dos DEFs estão vetados pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) desde 2009. Em julho, a Associação Médica Brasileira pediu à agência que a proibição fosse mantida, com o argumento de que os estudos não são conclusivos.

A liberação dos dispositivos será possível se sua finalidade de redução de danos for provada. Nenhum fabricante apresentou provas à agência. "Talvez porque não consigam comprovar", diz Tânia Cavalcante, secretária-executiva da Conicq, comissão interministerial para políticas de controle do tabaco.

A Philip Morris e a Souza Cruz, líderes da indústria no país, dizem não haver critérios claros para a aprovação.

Um relatório da Organização Mundial da Saúde, de 2016, afirma que seria uma grande conquista se a maioria dos fumantes substituísse o cigarro por forma mais segura de

consumir nicotina -desde que não houvesse o uso entre não-fumantes. O documento afirma que as evidências científicas disponíveis são insuficientes para avaliar a eficácia dos dispositivos.

O Seminário coordenado pela Folha de São Paulo com patrocínio da Philip Morris Estratégias de redução de danos não podem ser encaradas como instrumentos genéricos e burocráticos aplicáveis em quaisquer casos: para funcionar, precisam ser pensadas não só levando em conta o indivíduo, mas o contexto em que serão aplicadas.

Fonte: Folha

<http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/08/1913050-estrategias-de-reducao-de-danos-tem-que-considerar-individuo-e-sociedade.shtml>